



## O OBSESSIVO E SUA AMBIVALÊNCIA NO AMOR

*Nadija Raissa do Nascimento*

9ª semestre, matutino - nadijaraissa.edu@gmail.com

*Viviane Gomes Oliveira*

9ª semestre, matutino - vivi.olive75@gmail.com

*Luiz Guilherme Araújo Gomes*

Professor/Supervisor de estágio - luiz.gomes@univag.edu.br

O presente trabalho é fruto da experiência vivenciada no Estágio Supervisionado em Clínica, realizado na Clínica Integrada do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), no primeiro semestre de 2025. Ao longo dos atendimentos no estágio, observou-se recorrência de manifestações clínicas compatíveis com a estrutura obsessiva, sobretudo no que se refere às dificuldades dos sujeitos frente ao amor, ao desejo e à entrega afetiva, que é marcada por uma constante oscilação entre aproximação e afastamento, entre idealização e desvalorização, desejo e recusa, essa constituição subjetiva configura um modo de amar na qual a intensidade do afeto se converte frequentemente em angústia e culpa. Característica que traduz a ambivalência da neurose obsessiva. A atuação no campo clínico do estágio supervisionado, manifestou em nós o desejo de aprofundar os estudos nos trazendo mais clareza e compreensão a respeito da estrutura obsessiva e suas particularidades, tal como elaborada por Freud (1909) e posteriormente desenvolvida por Lacan (1958) especialmente no que diz respeito à relação entre amor, desejo, castração e gozo. O tema do nosso estudo se mostra relevante, pois nos coloca diante dos casos acompanhados, os quais foram articulados com a teoria psicanalítica, como por exemplo um dos casos acompanhado se evidenciou o modo peculiar com que o paciente obsessivo estabelece seus vínculos, inclusive em relações de amizade, onde ele trouxe nos atendimento falas sobre seu amigo que oscilavam de um atendimento semanal para o outro, dizendo o quanto admirava profundamente seu amigo, mas ao mesmo tempo o critica por coisas banais, como por exemplo o fato do amigo não o responder imediatamente suas mensagens. Freud observou que essas oscilações entre amor e hostilidade são recalçadas, que elas retornavam em forma de obsessões e dúvidas. Segundo Freud (1909, p. 133) o obsessivo ama como se odiar fosse um crime, e odeia como se amar fosse uma fraqueza, essa ambivalência afetiva atravessa o sujeito, pois o obsessivo ama e odeia ao mesmo tempo, sendo assim se torna difícil sustentar os laços afetivos, até mesmo em suas amizades, embora os laços de amizade não envolva necessariamente a erotização do desejo, ainda sim ele mobiliza elementos afetivos importantes como a lealdade, confiança, admiração e compromisso, assim a amizade se torna uma idealização para o obsessivo, surgindo daí as exigências, gerando cobranças excessivas e uma vigilância rígida na tentativa de controle sobre o outro, assim, como no amor, o obsessivo busca controlar os vínculos na amizade, ora se mostrando presente e prestativo na tentativa de deixar o outro sobre sua influência, ora se afasta ou critica o outro, como forma inconsciente de manter a distância, sendo uma defesa frente ao medo de um envolvimento emocional excessivo, levando o dever moral se tornar maior que a espontaneidade, aspectos estes que tocam os conflitos do obsessivo que teme ser invadido, capturado ou controlado pelo outro, essas são manifestações complexas envolvendo conflitos inconscientes, afetando diretamente a forma como o sujeito obsessivo se relaciona com o outro, ou seja a amizade pode ser tão ameaçadora quanto o amor, pois implica lidar com a alteridade, com a falta e com a possibilidade da perda,

levando-o ao sentimento de culpa, responsável por tudo, travando sua entrega, seu desejo e sua liberdade, revelando um supereu severo e punitivo que atua cobrando retidão e perfeição. A neurose obsessiva é uma das estruturas clínicas que compõem o campo da psicopatologia psicanalítica. Em Lacan (1958/1998, p. 196), encontramos a ideia de que o sujeito obsessivo “se constitui numa posição de mestre do desejo”, recusando-se a ocupar o lugar de objeto do desejo do Outro, para preservar sua ilusão de autonomia frente à castração. Assim, ele se mantém à margem do amor, preferindo controlar e idealizar o vínculo ao invés de vivenciá-lo, pois teme a entrega amorosa, mantendo o desejo suspenso, o ato de amar para ele é visto como uma perda de controle e uma entrega ao desejo do outro, o que o leva a recusa, e a se fechar, negando ao seu próprio desejo e ao do outro, preservando seu narcisismo, evitando a castração, pois amar verdadeiramente implica reconhecer a falta em si e no outro, o temor de amar e porque amar é admitir que o outro tem algo que o falta, e este atravessamento pela falta o leva a angústia, o paralisa, a falta revela sua incompletude, abre possibilidade de dependência, expõe a presença do desejo, aponta a castração. Na clínica o obsessivo precisa renunciar, desconstruir a fantasia de completude, reconhecendo a falta no outro e em si mesmo, (Lacan, seminário 11, 1964) diz que, a análise e o espaço onde o obsessivo pode, pouco a pouco, renunciar a sua onipotência imaginária e assumir-se como sujeito dividido, castrado, inacabado e ainda sim capaz de desejar e amar, entrando no campo do desejo e do ato, este é um trabalho clínico que possibilita a psicanálise acolher este sofrimento que exige tempo, uma escuta e manejo cuidadoso, possibilitando que o sujeito se confronte com suas fantasias inconscientes. Segundo (NASIO, 1997, p. 44) o obsessivo permanece na fantasia, para evitar o ato que o coloca diante da castração, pois o obsessivo não está em busca de uma resposta objetiva, mas sim tentando adiar o confronto com o desejo, porque para ele desejar, significa se posicionar como faltante. Durante o estágio, foram realizados atendimentos clínicos individuais sob supervisão e orientação teórica psicanalítica. Os encontros aconteceram semanalmente e, nos primeiros momentos, foram conduzidas entrevistas iniciais. Posteriormente, os casos foram acompanhados com intervenções baseadas na escuta clínica analítica, respeitando a singularidade de cada sujeito. Um dos casos que motivou a construção deste trabalho apresentou sintomas clássicos da neurose obsessiva, como idealização do parceiro amoroso, dúvidas constantes sobre seus sentimentos e dificuldade de assumir vínculos afetivos. As interpretações clínicas foram construídas em supervisão, sempre com respaldo teórico da psicanálise. Além disso, os registros foram realizados em diário de campo e em fichas de acompanhamento, garantindo a sistematização e reflexão contínua das intervenções. A experiência no estágio proporcionou um aprofundamento teórico e prático sobre a estrutura obsessiva, especialmente no que tange à sua relação com o amor. Como aponta Nasio (1997, p. 41), “o obsessivo sofre por amar demais e, ao mesmo tempo, teme perder a si mesmo no amor do outro”. Essa oscilação entre entrega e recuo produz um modo específico de amar: idealizado, controlado, mas profundamente angustiado. O amor, nesse contexto, é vivenciado como ameaça à consistência do eu. A clínica com sujeitos obsessivos exige escuta atenta e manejo cuidadoso, que não force a entrada no campo do desejo, mas que acolha as defesas e possibilite, aos poucos, a construção de novas posições subjetivas. A neurose obsessiva é considerada enigmática e cheia de possibilidades, seja por Freud, seja pela psicanálise lacaniana. Essas ambivalências entre o amor (consciente) e o ódio (inconsciente) geram dúvida, culpa e sofrimento no obsessivo, constituindo-se como uma das características mais frequentes. Daí Freud entende que esse conteúdo deve se tornar consciente no processo analítico. O fato é que essa escolha continua a desafiar a clínica psicanalítica atual, pelas várias formas que pode se apresentar, tendo em vista a singularidade do sujeito. Também, a prática clínica nos mostra que o obsessivo não se liberta da sua posição por meio de confrontos diretos, mas sim pela possibilidade de reconhecer que pode desejar mesmo



sendo faltante, que pode amar mesmo sem controlar, e que pode se relacionar sem ser inteiramente responsável pelo outro. Trata-se de ajudá-lo a sair da lógica do “tudo ou nada”, do “ou sou tudo para o outro ou não sou nada”, e encontrar caminhos para habitar a incompletude de modo menos doloroso. Quinet (2005) reforça que, para o obsessivo, amar é perigoso, pois o expõe à fragilidade do laço, à dependência e à perda da soberania narcísica. Por isso, o obsessivo tende a transformar o vínculo amoroso em um ideal inatingível, onde pode manter distância segura da castração e da entrega. O estágio contribuiu significativamente para a formação clínica, oferecendo a oportunidade de articular teoria e prática a partir de situações reais e supervisionadas. A Mostra de Estágio, por sua vez, representa um espaço privilegiado para sistematizar e compartilhar essas vivências, promovendo o fortalecimento da identidade profissional em construção.

**Palavras-chave:** Neurose Obsessiva; Amor; Psicanálise; Desejo; Castração.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Notas sobre um caso de neurose obsessiva (O caso do homem dos ratos)**. In: FREUD, S. História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1909). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

QUINET, A. **O amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.